



Referências

BORGES, Maria Helena Jayme. *A Música e o Piano na Sociedade Goiana (1805-1972)*. Goiânia: FUNAPE, 1998.

Crônicas dos Padres Redentoristas de Campinas: 1908 a 1965 [transcrição digitada dos originais]. São Paulo: Santuário de Aparecida, 1984.

DIAS, Angelo de Oliveira. O Canto Coral em Goiânia: uma trajetória. *Revista UFG*, Goiânia, número 5, ano X. Dezembro de 2008, p. 130-37.

MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro de. *A Música em Goiás*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1969 & 1981.

MENEZES, Irmã Áurea Cordeiro de. *O Colégio Santa Clara e sua Influência Educacional em Goiás*. Goiânia: UNIGRAF, 1981.

PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de. *Memória Musical de Goiânia*. Goiânia: Kelps, 2002.

Positio super vita, virtutibus et fama sanctitat: Pelagii Sauter (1878-1961). Roma: Congregatio de Causis Sanctorum, 2005.

VLOED, Kees van der. Michael Haller. Disponível em: <<http://www.requiemsurvey.org/composers.php>>. Acesso em: 3 jul. 2010.

TERRA RONCA

Carlos Fernando Moura Delphin¹

A primeira vez que eu ouvi falar da Caverna de Terra Ronca foi graças a um saudoso colega do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o arquiteto Edgard Jacinto da Silva, um mineiro radicado no Rio e apaixonado pela terra e pela gente de Goiás. Foi graças ao trabalho desse pioneiro que o Estado de Goiás pode ter o valor de seu patrimônio cultural reconhecido nacionalmente por meio de tombamentos como o da Cidade de Goiás, hoje reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Nunca havia pensado que iria um dia conhecer a caverna da qual ele falava com tanta empolgação nem que fosse tão portentosa aquela obra da natureza. Até que um dia, como técnico especializado em patrimônio natural do IPHAN, fui chamado pela Procuradoria da República em Goiás para efetuar uma vistoria no Parque Estadual da Terra Ronca. O objetivo era identificar e mapear bens que pudessem ser caracterizados como patrimônio cultural brasileiro. Infelizmente, dispus de apenas três dias no mês de agosto de 2003 para visitar poucos sítios dentro de um território cuja extensão, complexidade e valor exigem um tempo muito mais demorado de permanência. As distâncias entre cada local que pude conhecer na Terra Ronca, a escassa literatura sobre a região e o insuficiente número de especialistas – fatores necessários para uma análise aprofundada – não permitiram uma avaliação pormenorizada de todos os elementos de valor de uma região, tanto materiais quanto imateriais.

¹ Diretor nacional de patrimônio natural do IPHAN.

Como órgão federal de preservação da memória, e da integridade e autenticidade dos diversificados e sutis significados da herança cultural brasileira, o IPHAN recorre ao tombamento como forma de reconhecimento das dimensões, materiais e imateriais, mais evidentes e imediatas desse patrimônio. Com frequência, dimensões inexpressivas de um bem cultural passam a assumir papéis de maior preponderância do que os reconhecidos à época do tombamento.

Para atender à Procuradoria da República identificando os bens passíveis de serem caracterizados como patrimônio cultural brasileiro, eu devia considerar que um bem cultural pode ser avaliado segundo critérios objetivos ou subjetivos: pelo seu valor artístico; pela antiguidade; por estar associado a um fato ou personagem histórica; pelo valor de mercado; pelo valor da matéria prima com a qual foi fabricado, até mesmo por seu peso; pelo valor religioso, ideológico ou cultural; pelo significado que assume dentro de contextos mais restritos ou mais amplos. Tinha de considerar que nem todo valor tem necessariamente de ser reconhecido como possuidor de uma dimensão que justifique sua proteção em nível nacional. Um bem pode adquirir significação universal, nacional, estadual, municipal, comunitária, e até mesmo grupal ou individual, e, todos eles, mesmo quando não reconhecidos como de preponderante interesse coletivo, são importantes e igualmente dignos de medidas para preservação.

Segundo o Decreto-lei n. 25, de 1937, o patrimônio histórico e artístico nacional é constituído pelo conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público, por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil ou por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. A Constituição Federal de 1988 veio ampliar o conceito de patrimônio histórico e artístico, substituindo-o pelo de patrimônio cultural. A nova concepção de patrimônio cultural abrangeu os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, tomando-os individualmente ou em conjunto e incluindo formas de expressão; modos de criar, fazer e viver; criações científicas, artísticas e tecnológicas; obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais e conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Minha visão, ao percorrer a região da Terra Ronca, foi conforme a percepção *lato sensu* de patrimônio definida pela Magna Carta. Ora, um sítio que reúne, de forma conjunta e integrada, elementos naturais e culturais, pode ser comparado a um tecido altamente diversificado, uma urdidura formada pelos valores fixos e permanentes, cuja trama se vai configurando em decorrência de relações dinâmicas que são as atividades nele desenvolvidas e os usos que lhe são conferidos.

Bens de natureza material que constituem o patrimônio cultural de Terra Ronca

(A) SÍTIOS DE VALOR HISTÓRICO

Habitada há milênios por grupos pré-históricos e há três séculos pelo branco e pelo negro, a região de Terra Ronca apresenta os sítios históricos urbanos.

Conjunto Urbano de São Domingos

A povoação de São Domingos nasceu da corrida do ouro do séc. XVIII. Dedicando-se a atividades agropecuárias após a decadência da mineração nos fins do século XVIII, a cidade conserva-se ainda bastante íntegra e autêntica. Os conceitos de integridade e autenticidade são adotados pela UNESCO para a declaração de um bem como patrimônio mundial. São Domingos possui uma praça em ligeiro aclave, rodeada por um casario de época, embora já se percebam ameaças de desfiguração como é o caso do Hotel Araújo, edificação desproporcional e pintada com fortes cores e letreiros para atrair hóspedes. Todo o conjunto urbano ao redor da igreja é bastante expressivo, com edificações de harmoniosas proporções, segundo os despojados padrões de Goiás.

Conjunto Urbano de São João Evangelista

Segundo informações orais, a povoação de São João Evangelista é mais antiga que a de São Domingos. Um grande largo, atravessado longitudinalmente pela via de acesso e de circulação da cidade, separa duas alas de casario interrompidas por terrenos desocupados. É pena que as belas esquadrias de madeira das casas estejam sendo substituídas por feios elementos metálicos. São casas de baixa estatura, entre as quais mal se distingue, por se situar sem qualquer privilégio de proporções, a pequena igreja da cidade, construção moderna e inexpressiva, sob invocação de São João Evangelista, padroeiro da cidade.

Caverna de São Bernardo

A Caverna de São Bernardo, outro local de presumível valor histórico, teria abrigado a população da região quando fugia da Coluna Prestes na segunda metade da década de 1920. Aí também se refugiaram grupos políticos, fugitivos do regime militar na década de 1960, existindo ainda os restos de um fogão que construíram.

(B) SÍTIOS ÉTNICOS

Em uma Fazenda chamada Quilombo, teria existido um quilombo; contudo, não mais existem negros no local, o que não exclui a possibilidade de serem encontrados sítios arqueológicos históricos com registros da memória e da cultura negra. Deverá ser efetuado um trabalho de investigação para levantamento de possíveis sítios detentores de reminiscências históricas da cultura afro-brasileira, em cumprimento ao estabelecido pela Constituição. Não pudemos saber se existem ocupações ou vestígios de assentamentos atuais ou pretéritos de grupos indígenas na região.

(C) SÍTIOS DE VALOR PAISAGÍSTICO

O complexo da região que inclui o Parque Terra Ronca é rico em formações físicas e biológicas de valor conjunto ou isolado, tanto estético quanto científico. É representativo e importante habitat para a conservação *in situ* da diversidade biológica. Possui espécies animais e vegetais ameaçadas.

A região de Terra Ronca, de singular beleza cênica, localiza-se no Município de São Domingos, a Nordeste do Estado de Goiás, região cortada pela Cordilheira Calcária e pela Serra Geral, na divisa de Goiás com a Bahia. Aí se localiza o Parque Estadual de Terra Ronca, com 50 mil hectares, criado em 1989, e a Área de Proteção Ambiental da Serra Geral de Goiás, com 60 mil hectares, cujo objetivo é a preservação e manutenção das nascentes e dos valores ecológicos. A televisão já descobriu a beleza do panorama. A mini-série *Grande Sertão: Veredas* foi filmada em Terra Ronca.

Hidrografia

A região apresenta uma rede de drenagem bastante rica e extensa. Todos os cursos d'água da região, como o Rio Angélica, o maior rio subterrâneo da América Latina, e o Rio São Vicente, do qual é afluente, o Divinópolis, os córregos São João, do Solução, do Cipó, Cana Brava, Grotão, Jataí, o Ribeirão São Vicente, o Rio São Bernardo, o Rio do Freio e o Rio da Lapa, que atravessa a Caverna de Terra Ronca, dentre outros, provêm de nascentes situadas ao pé da Serra Geral de Goiás, na divisa com a Bahia. Os mananciais localizam-se nas mais belas veredas da região. São tributários dos rios São Domingos e São Mateus que, por sua vez, são afluentes de um rio de extraordinária beleza, o Paranã, da bacia do Tocantins. Impressiona ao visitante advindo de regiões mais urbanizadas, a cor esverdeada, límpida, hialina e luminosa das águas desses rios e riachos.

Seja pelos transcendentais poderes da fé, seja pela dissolução de minerais terapêuticos em águas como as do Rio da Lapa ou da mina da Água Benta, na Caverna da Terra Ronca, o certo é que milhares de romeiros acorrem anualmente à região em busca de poderes miraculosos. Por toda a parte constata-se que a água é o grande artífice responsável pelo que há de mais peculiar na paisagem da região. Ora esculpe, junto com os ventos, montanhas rendilhadas, ora lapida e modela as anfractuosidades das profundezas das grutas. Na paisagem de Terra Ronca as águas comportam-se de forma muito peculiar em relação à terra, penetrando em suas entranhas e ressurgindo sem a menor cerimônia, em silêncio ou a rugir desesperadamente. Essa, que é talvez a mais impressionante característica das águas dessa região, explicaria a toponímia Terra Ronca: os ruídos decorrentes da facilidade com que as águas desaparecem ou ressurgem das profundidades da terra, a intimidade que mantêm com as regiões subterrâneas. Na época chuvosa, quando se verifica a vazão máxima, as atividades de turismo espeleológico podem ser afetadas adversamente já que os rios podem aumentar de volume de forma súbita e descontrolada, inundando cavernas como a Terra Ronca e Angélica e oferecendo graves riscos para o visitante.

Na região há rios de águas frias e de águas mornas; há rios subterrâneos como o São Domingos e muitas cachoeiras. As veredas, jardins criados pela natureza, são uma feição típica do Centro-Oeste, na qual se conjugam os mais refinados atributos das águas e da vegetação. Para mim, que trabalho com as

mais diversificadas paisagens de todo o país, não existe uma paisagem mais bela e comovente do que a vereda. Parece-me ter voltado aos primórdios do mundo quando vejo os buritizeiros saindo de grandes extensões de um verde esmeraldino e lançando suas folhas aos céus, com aves coloridas como papagaios, tucanos e araras a voar, um mundo no qual não parece ainda existir o homem. O patrimônio hídrico de Terra Ronca, assume, para o futuro da humanidade, de forma, quantitativa e qualitativa, o valor de uma reserva biológica e econômica de inestimável importância para a vida no planeta.

Geologia, Geomorfologia e Relevô

A presença da Serra Geral forma um patamar contínuo como uma muralha no horizonte que delimita o platô geomorfológico do lado da Bahia, com alturas que variam entre 100 e 400 metros nas topografias ruiformes talhadas nas encostas do entorno da Serra Geral. Algumas elevações, estruturas sedimentares bem conservadas, destacam-se esparsas pelo vale e várzeas de aluvião de sedimentos da Baía do Paranã, em geral afloramentos calcários de formas rendilhadas, parecendo tão velhos quanto o mundo. Muitas dessas impressionantes formações cársticas apresentam rochas rendilhadas, algumas com rachaduras verticais e paralelas, sob as quais crescem cactos do gênero *Cereus*, cactos semelhantes a mandacarus, finos, compridos e não ramificados que sobem retos em direção ao céu, criando linhas paralelas às linhas de fratura das rochas, indicando um paleoambiente quando a região, em tempos pretéritos, era revestida pela vegetação de clima semi-árido. O termo *cárstico*, que significa campo de pedras calcárias, designa as formações rochosas calcárias rendilhadas pelo tempo e pelas intempéries. Dentre os afloramentos calcários citem-se o Morro do Meio, profusamente habitado por mocós, o Morro do Beda e o Morro da Cabra, notável porque, em seus pináculos, os urubus fazem ninhos, pontilhando com negras silhuetas os tons sanguíneos do céu em horas crepusculares.

Há também morros, como o do Moleque, que representam o resto de antigas superfícies erodidas em vetustas eras. O Morro do Moleque é o morro testemunho símbolo da região, servindo de marca e identidade à cidade de São Domingos, cuja paisagem domina. De forma cônica e recortada, com 400 metros de altura, seu aspecto é de extrema beleza cênica. Parece contemplar e quase estender-se, com nostalgia, em direção à estrutura tabular, em forma de

mesa, da Serra Geral, da qual parece ter sido arrancado de forma violenta e compulsória. É forte seu significado simbólico para a população que organiza excursões e sobe por trilhas até o cume em dias de grande reboliço.

Outros morros são dignos de nota. A Pedra Talhada assemelha-se a uma escultura feita por gigantes humanos em pedra calcária. O Morro da Cruz tinha em seu topo um cruzeiro que desapareceu e não foi recolocado até hoje. No Morro Redondo outrora se recolhiam pedras chatas e grandes com as quais se construíam fornos para a confecção de farinha. O Morro do Pique, com um poço, o Poço da Camisa, do qual um homem caiu e só escapou da morte quando despencava em direção ao abismo por que sua camisa se prendeu aos galhos de uma árvore. Um eco assustador responde quando se atiram pedras no fundo desse poço, o que leva o nativo a afirmar que é a resposta do poço a quem lhe atira pedras.

Dolinas

As dolinas, formações geomorfológicas muito características de Goiás, são depressões acentuadas nos terrenos, de forma comumente circular e com profundidades e larguras variáveis. Ocorrem em terrenos calcários, sendo causadas por dissolução ou desmoronamento de tetos de cavernas, encontrando-se, geralmente, água em seu fundo. Podem também ser estruturas resultantes do impacto de corpos celestes sobre a face do planeta, como é o caso do Domo de Araguinha em Goiás. A Caverna de Terra Ronca apresenta algumas dolinas, às quais os guias dão o nome de clarabóias, abrindo-se para o fundo das cavidades subterrâneas e permitindo a penetração zenital de iluminação solar. Uma delas é conhecida como o Oco das Araras. Outra dolina de porte é a do Pesqueiro.



Espeleologia

A excepcional feição do complexo de cavidades subterrâneas situa os municípios de São Domingos e Guarani de Goiás entre as mais importantes e excepcionais regiões espeleológicas do país e atrai, de forma crescente, cientistas, espeleólogos, espeleístas, praticantes de esportes ligados às grutas e turistas. Espeleólogos franceses e especialistas da Universidade de Brasília vêm visitando a região desde 1960. O complexo de cavidades de São Domingos e Guarani de Goiás tem mais de mil cavidades subterrâneas cuja datação remonta a 620 milhões de anos, das quais apenas umas quarenta grutas e cavernas já foram exploradas cientificamente e mapeadas. Ali se encontram as três cavernas que podemos visitar, Terra Ronca, Angélica e São Mateus, e muitas outras como a de São Bernardo e a de São Vicente, essa perigosa e sem visitação.

Nas áreas visitadas impressionam as inúmeras formas e cores apresentadas pelos espeleotemas, de infinidade de formas. Estalactites e estalagmites são as mais conhecidas, porém há enorme diversidade de formas sob os nomes de represas, canudos de frescos, cortinas, torres, alvéolos, lapias, espirocones, helictites ramificadas, trompas, pérolas, chaminés de fada, vulcões e outras formações cujas denominações são determinadas pela semelhança que apresentam com outros fenômenos. As estalactites e estalagmites assumem as mais variadas e bizarras formas de fantásticas imagens pareidólicas. A palavra pareidolia não consta de dicionários comuns. É definida como uma imagem ilusória, construída pela fantasia, a partir de elementos reais. O exemplo típico é a série imensa de figurações que se observam nas nuvens, quando contempladas atentamente. É reconhecida como falsa por quem a experimenta.

As cavernas são um dos mais frágeis e sensíveis ambientes do planeta, o que lhe confere excepcional potencial e valor cultural e científico. Uma cavidade subterrânea é um repositório de informações sobre a história, a geologia, a geomorfologia, a evolução dos minerais, da vida, do clima do planeta. Os espeleotemas (estalactites e estalagmites) permitem obter registro da variação da temperatura atmosférica nas últimas centenas de milhares de anos, estudos fundamentais para entendimento do efeito estufa e da evolução da temperatura global do planeta. Muitas cavernas apresentam também ricos registros paleontológicos e arqueológicos, o qual possibilita reconstituir a fauna e a flora que existiam na região e a história do ser humano. Nesse sentido, as cavernas funcionam como 'disquetes de computador' onde as informações foram cuidadosamente gravadas e assim permanecem, à espera de serem lidas e interpretadas pelos cientistas.

A iniciativa de abertura de uma caverna à visitação pública deve ser antecedida por profundo conhecimento do ambiente cavernícola, para que se possam prever os impactos a que estarão expostos os meios físico e biológico e os significados e valores que o ser humano lhe confere. Também pela segurança do visitante. A visitação pública sem criteriosa previsão dos riscos a que estão expostos os visitantes é uma irresponsabilidade.

Caverna de Terra Ronca

Tanto o exterior quanto o interior da Caverna de Terra Ronca são portentosos. Não existem informações disponíveis sobre a gênese, evolução e outros aspectos dessa cavidade. As paredes externas são mais ou menos planas e a boca tem a forma aproximada de um arco pleno, semelhante a um gigantesco arco do triunfo. Mesmo não sendo o mais alto pórtico de entrada de

cavidade subterrânea no Brasil (o pórtico da Gruta dos Brejões na Bahia tem 106 m de altura), seus 90 m de altura impressionam o visitante. Ao redor, gigantescas barrigudas emolduram a entrada para o mundo subterrâneo. O mais hábil paisagista não poderia escolher outra árvore mais impressionante e de escala mais adequada à grande cavidade.

Também a paisagem do caminho que conduz à entrada da prodigiosa Caverna Terra Ronca é de grande beleza, com árvores e trepadeiras floridas na mata ciliar que envolve as águas do Rio da Lapa. As águas do rio, que correm em direção à boca da gruta e aí penetram, surpreendem pela rara coloração esverdeada, um tom claro e esbranquiçado, como em rios de montanha nascidos de geleiras, lembrando o tom verde da espessura de placas de vidro translúcido.

À boca da gruta, sob o pórtico, começam a despontar as primeiras estalactites. Não são muitas nem são grandes, se bem que fotos antigas mostrem um número muito maior dessas concreções na abóbada, que teriam caído por causa dos estrondos do foguetório soltado em época de romaria. Em alguns pontos há pedras que rolaram ou se desprenderam do alto, o que exige o parecer de especialista em geotécnica. Nas cavidades das pedras moram psitacídeos, periquitos e maracanãs, cuja gritaria e constante algazarra contrasta com o ar solene da caverna que lembra um templo de eras perdidas.

À esquerda da entrada localiza-se o altar com um crucifixo ao centro e outras imagens. Tão logo se adentra o imenso salão, já se podem observar as estalactites. Algumas contorcidas, de formas helicoidais. Em seguida, em uma fenda na rocha, foi instalada a Sala dos Milagres, onde se guardam ex-votos e muletas dos peregrinos miraculados. Entrando-se um pouco mais, há uma pequena nascente que goteja do teto para o piso, chamada Água Benta, usada para os fiéis se persignarem enquanto pedem ou agradecem o milagre. Uma mina d'água marca o último limite entre a luz e as trevas que, a partir daí, tornam-se assustadoras. Aos fundos e à esquerda, já se divisa a primeira e enorme estalagmite, em forma de totem. É uma irresponsabilidade que espeleotemas do mais alto valor escultórico sejam pisoteados por centenas deromeiros e visitantes da caverna.

Seguindo gruta adentro, o visitante tem de seguir curvado até sair novamente ao ar livre. O passeio vai até o Salão dos Namorados, a partir de onde o caminho fica íngreme e a correnteza mais forte. A caverna tem dois trechos, chamados Terra Ronca I e Terra Ronca II, separados por um espaço vazio,

lembrando um *canyon* de mais ou menos um quilômetro de diâmetro, conhecido como Buraco das Araras. O trecho da Terra Ronca I tem, no teto, duas clarabóias, provavelmente dolinas surgidas do desabamento da abóbada. Depois do *canyon*, o rio continua seu curso, tornando a entrar na Terra Ronca I, a mais ou menos dois quilômetros da entrada. Quando águas subterrâneas afloram ao ar livre, dá-se o nome de *ressurgência*. A ressurgência do Rio da Lapa fica na Fazenda Buracão. As ressurgências, *canyons*, dolinas, uvalas, poljes, vales cegos, sumidouros, cavernas e abrigos sob rocha são formas reentrantes do relevo cárstico. No interior da gruta, a temperatura varia segundo a proximidade do rio; quanto mais próximo, mais frio, quanto mais longe mais quente se torna o ambiente.

Gruta Angélica

Desde a boca da gruta situada em morreiras de pedra calcária, já se pode admirar a magnificência dos salões da caverna, decorados de forma detalhada e esmerada. Tem em comum com a Terra Ronca as águas de um rio que, deslizando em direção a sua boca, nela penetra, gerando uma paisagem de praias de areias claras, sobre as quais goteja a solução de carbonato de cálcio formadora dos espeleotemas. Mesmo as gotas que tombam sobre a fina areia criam formas pétreas que, diversamente das estalactites e estalagmites, são soltas e destacadas das rochas. É inacreditável a beleza da obra da natureza nas cavidades subterrâneas dessa caverna. Atinge-se, primeiro, o Salão dos Tubarões, uma enorme boca com alvíssimos dentes arreganhados para o visitante. A seguir, atravessa-se o impressionante Corredor do Cérebro, um alvéolo sob a forma de corredor sinuoso ao longo do teto, sobre o qual cintila uma alva e perfeita réplica de um cérebro humano. Visita-se o Salão das Cortinas e em seguida o Salão dos Canudos e, finalmente, o Salão dos Espelhos no centro do qual um espelho d'água duplica a esplendorosa decoração calcária. A riqueza e fidelidade a outras formas conhecidas que assumem as imagens pareidólicas são inesquecíveis, havendo desde padrões fálicos a imagens sacras, como uma à qual se deu o nome de Santa Angélica.

É de se lamentar a quantidade de estalactites quebradas e caídas pelo chão. Nós mesmos, por diversas vezes, chocávamos os capacetes contra o teto da gruta, felizmente sem quebrar concreções. Há que se caminhar sobre espeleotemas e, muitas vezes, segurar-se neles. A oleosidade das mãos modifica-lhes a cor e composição química. Em uma pousada das vizinhanças achamos um pedaço de um espeleotema com cerca de vinte centímetros por cinco de diâmetro. A proprietária havia reto-

mado de um hóspede inescrupuloso. Mesmo que venha a ser devolvida à gruta de onde se originou, estará para sempre descontextualizada e sem possibilidade de recompor o ambiente original. O preço cobrado pelo proprietário para a visita da Gruta Angélica, R\$ 1,00, é um valor irrisório, quando comparado aos níveis de destruição causados por visitantes.

Gruta de São Mateus

Obra prima da natureza, local onde a terra exhibe as mais excepcionais e impressionantes formas de suas entranhas, foram visitados apenas o Salão dos Peixinhos, o Salão dos Chuveirinhos, com quedas de água que lhe dão o nome, e o Salão dos Setecentos, em uma incursão que durou mais de cinco horas. A Gruta aprofunda-se indefinidamente, oferecendo espetáculos visuais em cerca de doze quilômetros de extensão, com trechos ainda não percorridos. Para entrar é necessário passar por um apertado buraco onde mal dá para passar o corpo, tendo de se descer por meio de uma corda por uns cinco metros. Atinge-se então um primeiro patamar de onde não se divisa mais qualquer tipo de iluminação natural. Cem metros depois, encontra-se um rio borbulhante. A quantidade e diversidade de formas, cores e tamanhos das formações calcárias é algo indescritível. Nos inúmeros salões há florestas de espeleotemas, estalactites gigantescas, lugares impenetrados e impenetráveis, pareidolias de formas que podem assustar ou encantar. O preço cobrado pelo proprietário para a visita é de R\$ 2,00. Não deveria ser autorizada a visita senão para pesquisas científicas, mesmo assim de forma controlada e com o aval de instituição idônea.

Vegetação

É impressionante a biodiversidade vegetal da região. Árvores como mutamba, carabeira de flor amarela, pau-pombo, pau d'óleo, pau-pombinho, pau-pilão, pau-pilão, pau-terra, pau-santo, jacaré, puçá, pequi, buriti, araticum, coco-católé, coco-indaiá, coco-macaúba, buriti, caju, marmelada, goiaba, baru, chichá, cagaita, coco-azedinho, grão-de-galo, bureré ou puxa-puxa, jatobá-da-mata, jatobá-do-campo, gameleira, pacari-da-mata, sucupira preta, folha-miúda, mamoinha, pereiro, tamboril, pimenta-de-macaco, tingui. Cinco árvores destacavam-se no cerrado pela intensa e feérica floração: o ipê (de três espécies, duas amarelas e uma roxa), o mulungu, de flores coral, o jacarandá-mimoso de flores violetas, a *Cordia trichotoma* a que dão o nome de caraíba, de flores brancas e a sucupira branca ou sicupira como pronunciam, de flores anil violáceo.

Fauna

Segundo as informações orais de moradores de Terra Ronca, são vistos na região animais como o tamanduá-mirim (existiria também o tamanduá-bandeira), o cai-tetu, o luiz-cacheiro, forma local para ouriço-cacheiro, veados campeiro e mateiro. O macho tem chifre e a fêmea não. Os macacos prego, guariba, sôin, símio pequenino e de rabo longo. O tatu-verdadeiro e o tatu-bola. Onças preta, pintada e parda. O lobo-guará, raposas, o cachorro-do-mato. Quatis, pacas, capivaras, mocós e muitos coelhos. Iguana, jacaré, tiú. Dentre as incontáveis espécies de aves, pato-do-mato, nhambu, jacu, coã, alma-de-gato, canção, siriema, ema, espécie mais rara da qual, nos dias em que ali estivemos havia sido visto um casal que logo desapareceu, papagaio-galego, ciganinha ou pirrura, espécie endêmica e talvez ameaçada ou em extinção, garças, tucanos, arara-azul e, nas morreiras, arara-vermelha. Urubu e urubu-rei, este bem mais raro, nunca é visto em número superior a cinco ou seis, revoando com os urubus comuns, a cujos bandos se juntam. Pássaros canoros fazem o fundo de qualquer lugar aonde se vá. Um dos mais belos corais é formado por bandos de pássaros pretos.

Cobras coral, cascavel, jararaca, bocá, jaracuçu de dois tipos, as pretas e as avermelhadas, jibóia, sucuri. Haviam achado uma sucuri com dois metros há poucos dias na ponte do rio junto à Caverna Angélica. Na água dos rios encontram-se arraiais com ferrão, piabanha, pacu, lambari, traíra, bagre.

Nas cavernas, morcegos, tristes borboletas de caverna, sem cor, sempre a esvoaçar silenciosamente, aranhas e uma criatura semelhante a um aracnídeo de aspecto ressequido e de longas patas a que os guias dão um nome que soa como *alipricho* ou *adpricho*, presumivelmente uma

corruptela da denominação científica aprendida com os espeleólogos. O bagre cego, albino e transparente, vive nas trevas das águas interiores de caverna.

(D) SÍTIOS DE VALOR ARQUEOLÓGICO

O Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN registra três sítios arqueológicos na região da Terra Ronca: o Sítio de Terra Ronca, de Angélica e de Pau Pombo. Embora uma foto da entrada de Terra Ronca tenha mostrado algo que poderia ser interpretado como grafismos, só pudemos localizar um deles, o da Fazenda Pau Pombo, por tratar-se de um abrigo sob rochas com inscrições rupestres, grafismos geométricos. No entanto, no curto período de permanência na região, sem um arqueólogo, não pude localizar outros sítios arqueológicos. Abri mão desse rigor por considerar que é imprescindível que se promova uma investigação mais aprofundada e pormenorizada da arqueologia local, sob a forma da contratação de serviços de arqueologia acadêmica.

(E) SÍTIOS DE VALOR PALEONTOLÓGICO

Segundo informações orais, em uma bocaina situada na parte superior da Gruta Angélica teria sido encontrado material fossilífero sob a forma de uma ossada que, segundo informação da Universidade Federal de Minas Gerais a uma pessoa de Terra Ronca, estaria no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Não soubemos a que animal corresponde a ossada descoberta, presumindo-se tratar-se de mamíferos já extintos da megafauna do Pleistoceno. Sem um especialista em paleontologia e sem uma pesquisa primária e secundária aprofundada, é impossível para o IPHAN informar sobre o potencial do material paleontológico da Terra Ronca.

(F) SÍTIOS DE VALOR ECOLÓGICO E CIENTÍFICO**Paisagem Cultural**

Uma paisagem cultural é um sítio que reúne, de forma conjunta e integrada, bens e valores culturais e naturais, ou seja, significativas e harmoniosas interações entre o homem e o meio natural, o trabalho combinado da obra humana e da natureza, quando de excepcional valor universal. A paisagem tem triplo significado cultural:

A paisagem cultural constitui um sistema de grande dinamismo e complexidade, no espaço e no tempo. Além dos aspectos dos meios abiótico, biótico e antrópico que, primariamente, identificam seus valores mais imediatos, devem ainda ser considerados, secundariamente, outros fatores, atuando uns com os outros em viva e dinâmica relação.

Para um especialista em patrimônio cultural, a feição como uma paisagem é dotada pela natureza, por excepcional que seja, não é menos importante quanto certas formas harmônicas de como o homem dela se apropria e nela deixam marcas e intervenções de seu convívio. Marcas tradicionais impressas no quadro natural, como as edificações, acabam por integrar-se ao ambiente, passando a constituir um novo conjunto. As mesmas qualidades oferecidas por uma paisagem que tivessem sido gratas ao homem pré-histórico são igualmente caras tanto ao homem moderno, que procura esses sítios tanto com a finalidade de se assentar, quanto para o e sofisticado exercício de atividades turísticas. Os recursos materiais buscados pelo homem primitivo na paisagem são os mesmos que atraem o homem moderno.

De forma análoga às qualidades materiais, os atributos imateriais de um sítio, fascinantes ao homem primitivo, continuam a atrair o homem moderno. Dentre





essas qualidades estão a segurança territorial e a beleza da paisagem, um dos fatores mais fortes de atração para o ser humano. O que é cultural é natural. Toda e qualquer atividade ou produção cultural tem suas fontes materiais ou imateriais na natureza. Reciprocamente, o que é natural é cultural. Todos os elementos e relações existentes na natureza somente podem ser conhecidos pelo ser humano, pela cultura, que pode conferir a eles significação.

Quem lida com patrimônio cultural não considera o conjunto edificado e o aglomerado humano de forma destacável do contexto ambiental do cerrado e do quadro natural local, com o qual mantêm relações múltiplas, íntimas e recíprocas, constituindo uma complexa organização social que envolve o meio urbano em seus diferentes substratos espaciais e temporais.

Sob um ponto de vista ético é perfeito que se preservem ecossistemas e que, quando ameaçados, o predador seja excluído, mesmo que esse predador seja o homem. Uma paisagem cultural é, contudo, um sistema complexo no qual são igualmente importantes a obra da natureza e a humana, desde que esta se dê sob a forma de um convívio harmonioso e equilibrado, no qual a utilização dos recursos não seja antagônica à integridade e autenticidade do sítio. Os sítios de valor cultural devem ser objeto de uma leitura muito específica; deve-se se aprofundar, de forma literal e não figurada, em níveis subterrâneos para levantar testemunhos de ocupações humanas pretéritas pela arqueologia e, pela paleontologia, para identificar paleoambientes que antecedem a presença humana no planeta.

A preservação de uma paisagem cultural se justifica conforme seu grau de integridade e autenticidade. A paisagem que vistoriamos em Terra Ronca não revelou nenhuma degradação de suas qualidades pela ação humana tradicional. A degradação de certas áreas é causada por usos recentes, como na visitação de grutas ou nos cultivos de agricultores gaúchos, cujas ações degradam áreas

circunvizinhas do parque, como os chapadões do topo da Serra Geral. As repercussões indiretas das formas de agricultura praticadas do lado da Bahia são muito mais adversas à Serra Ronca do que a ação direta dos lavradores nativos. Cultivando soja intensivamente, os gaúchos desmatam, jogam lixo pelas penedias, poluem e contaminam com agro-tóxicos nascentes e veredas goianas.

Muito se descuida do valor de antigas cepas de espécies vegetais e animais domésticos. É perfeitamente aceitável que se façam altos investimentos para proteger espécies selvagens ameaçadas, mas ninguém se preocupa com o desaparecimento das variedades domésticas. Quantas laranjas, mangas, limões e outras frutas comuns há uns quarenta anos desapareceram só deixando lugar a uma ou outra variedade comercialmente compensadora. As antigas mexericas deram lugar às poncãs. Aspectos aparentemente insignificantes da cultura e da natureza assumem proporções bem mais amplas dentro do conjunto mundial. A ciência moderna recorre, cada vez mais, aos estudos de etno-biologia na tentativa de descobrir alternativas de novas espécies para uso econômico, sobretudo medicinal. O conhecimento das espécies vegetais nativas e cultivadas de uma região constitui ponto básico para sua proteção. Diferentes variedades de mandioca, de manga, de banana, de galinhas caipiras são tão importantes e dignas de proteção quanto as grandes paisagens ou os conjuntos históricos. Tem havido uma grande perda de raças domésticas da qual o homem muito virá a lamentar-se. Os animais domésticos da região de Terra Ronca também deveriam ser melhor conhecidos e valorizados. Os fazendeiros criam vacas, cavalos, burros, porcos, galinhas e cães que não foram hibridados em laboratórios, mas surgiram de uma seleção espontânea e natural que os adaptou perfeitamente ao ambiente local. Quando se fala em extinção de espécies pensa-se apenas na fauna e flora selvagens sem se lembrar dessas criaturas das quais o homem depende tão intimamente e que o acompanham em sua aventura sobre o planeta.